

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO

O discurso que não foi lido...

Caros Amigos,

Há já muitos anos, quando eu era ainda um jovem sonhador e começava a descobrir a pouco e pouco o mundo que me rodeava, fui percebendo, de espanto em espanto, que o infinito é, de facto, a dimensão que mais sempre me impressionou .

Depois, com o passar dos anos, e numa permanente busca do porquê e do para quê, fui tomando consciência de que, apesar de apenas sermos um pequeno átomo de uma complexa estrutura, somos afinal uma parte muito importante do infinito ele mesmo.



José Aurélio enquanto discursava

Certamente por isso, aqui estejamos hoje, para celebrar a nossa necessidade e a nossa sede de infinito. Nós e as nossas obras, entenda-se todas as obras, mesmo aquelas que nos parecem insignificantes e sem sentido, contribuem para a formação das sociedades e da sua memória. Uns atrás dos outros, gerações atrás de gerações, vamos avançando para o desconhecido sem tempo, a que chamamos de futuro, numa massa de energia incomensurável e em perpétuo movimento, como diz o poeta.

Também os nossos sonhos integram essa energia, sendo a concretização deles a razão primeira das nossas vidas, orientando eles o sentido das nossas determinações. Alguns dos nossos sonhos são até os sonhos de muitos dos que nos antecederam e sonharam o mesmo que nós. Uns antes, nós agora, outros depois, sonharam, sonhamos, sonharão com um mundo melhor, mais culto e mais solidário. Eu e muitos dos amigos aqui presentes, pertencemos a gerações que sonharam com uma Alcobça mais culta e mais de acordo com o seu importante passado histórico e cultural, tanto nos tempos mais remotos como em épocas mais recentes. Sonhámos com museus, com centros de estudos das mais variadas matérias, com o nosso património protegido, com gabinetes de projectos culturais. Também há mais de um século, outros alcobacenses sentiram necessidades semelhantes.

No entanto, quanto a nós, ainda nada de realmente importante foi feito, algo que de uma vez por todas, dignifique as nossas riquezas culturais na sua multiplicidade e na sua singularidade.

Teremos de continuar a sonhar com mais solidariedade, com mais afectos e com mais respeito pelas nossas raízes.

Comecei a abraçar esses sonhos, quando a minha admiração pela arte transbordante do Mosteiro de Sta Maria e a sua transcendente beleza me levaram a encontrar na vida artística a minha razão de existir.

Certamente por tudo o que atrás deixei dito e sem dúvida em desespero de causa, decidi tentar inverter o sentido que a indiferença tem imposto aos valores do espírito nesta nossa tão querida terra. É assim que nasce o Armazém das Artes.

Tentativa que começa hoje a ganhar vida com a vossa presença, que nos alegra por ser um sinal do vosso interesse por este projecto, porque nos mostra que não estamos sós nem estamos a falar sozinhos.

A vossa presença no primeiro acto público desta fundação dá-nos ânimo para passar à fase seguinte, que começa já amanhã. Perfilam-se no horizonte os enormes desafios que, com independência e livres de tutelas, queremos vencer para que possam ser atingidos os objectivos a que nos propomos.

Muitos dirão que somos demasiado ambiciosos. Mas nós sabemos que a ambição só pode ter a dimensão do sonho que a anima. Também sabemos, pelo saber de experiência feito, que sem trabalho e sem total dedicação a ele, dificilmente se ganham

as lutas de que a vida é tão fértil. E temos a certeza de que estaremos sempre aquém da dimensão dos nossos sonhos.

Como muitos se lembrarão, neste local existiu uma grande adega que pertenceu ao meu avô materno. Antes, nos finais do séc. XIX princípios do séc XX, esteve aqui instalada , junto ao rio Baça, que nessa altura corria ao sol, uma oficina metalúrgica , da qual encontrámos vários vestígios durante as obras aqui realizadas, dos quais, os mais significativos foram os restos de uma forja, numa evidente referência premonitória ao fogo que nos anima. Essa oficina ficou conhecida pelo epíteto de Oficina Danada, por nela, os 4 irmãos seus proprietários , para além das suas normais actividades profissionais, se terem dedicado durante as lutas da I República, ao fabrico de bombas. Curiosamente ,também nós agora, um século depois, desejamos que a nossa acção possa ser, metaforicamente falando, uma bomba cultural, cujos estilhaços possam atingir tudo e todos por esse mundo tão necessitado da paz que as artes e a cultura , por principio, defendem e promovem.

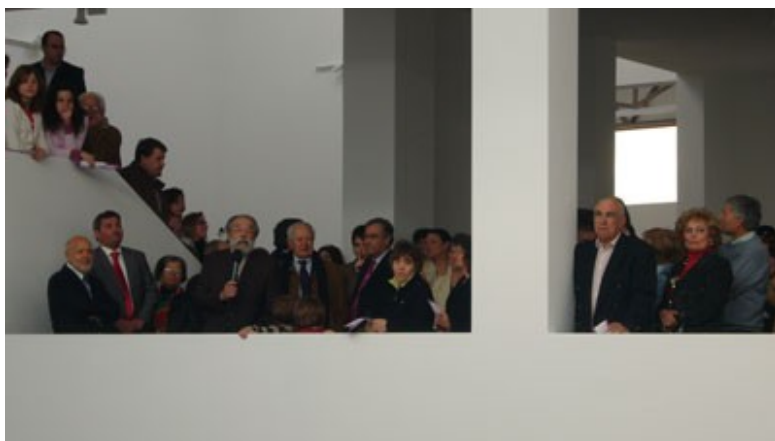
Fizemos questão de vos mostrar o espaço do AA vazio. Primeiro porque achamos que ele é bonito nú, com a beleza duma criança acabada de nascer, ainda atónita com o espanto da vida extra uterina; depois, porque o queremos sentir cheio de amigos e das boas energias que nos trazem; por fim porque desejamos que queiram continuar a testemunhar todos os passos da sua vida.O AA vai pois começar pelo principio; este espaço vai ser ocupado progressivamente, com acontecimentos que se nos afigurem relevantes, ao mesmo tempo que irão sendo instaladas as colecções que fazem parte do acervo da Fundação. Sempre com a porta aberta, para que todos possam acompanhar as ciclópicas tarefas que nos separam da instalação da totalidade das peças que constituem as colecções.



Durante a assinatura dos protocolos

De acordo com os objectivos estatutários da Fundação, este novo espaço cultural irá promover não só alguns dos valores mais representativos de Alcobaça e das suas gentes mas também desenvolver projectos destinados aos mais jovens. Nesse sentido, assinámos há pouco protocolos com as Escolas D. Pedro e D. Inês e com o Agrupamento de Escolas Frei Estêvão Martins, tendo sido assinado também um protocolo com a Universidade de Coimbra, que abrange, para além do âmbito cultural, o vector científico. Queremos acreditar que este espaço de actividades culturais vai proporcionar uma revitalização do amor próprio dos alcobacenses e bem assim gerar cinergias que poderão contribuir para a concretização de alguns sonhos adiados. Mas porque só todos somos tudo, não podemos deixar de prestar a nossa singela homenagem àqueles que, das mais variadas maneiras, pugnaram e pugnam pela dignificação da memória dos nossos antepassados e pelo estudo, protecção e salvaguarda do nosso património cultural. Queremos evocar aqui e agora, a memória dos monges de Cister e de todos os homens bons que deram origem à sociedade civil deste lugar, depois da extinção das ordens religiosas em 1833.

Quero evocar ainda a memória de homens com quem convivi ao longo da minha vida e que foram, pelo seu carácter e força anímica, referências importantes na minha formação de homem livre: o médico João Lameiras de Figueiredo, o poeta João Trindade Ferreira, o Dr. António Branco; O pintor António Quadros, o pintor Marcelino Vespeira, o pintor Eduardo Luís, o pintor Fernando de Azevedo e o escultor Jorge Vieira artistas amigos que nos deixaram entretanto; e dos homens que contribuíram para a minha formação académica, evoco pela sua enorme capacidade de abrir novos horizontes, o Professor Artur Nobre de Gusmão, o Professor Pais da Silva e o Professor Borges Coelho não podendo deixar de evocar também alguns familiares; o meu bisavô, o "Alma Aflita", de quem herdei a lhaneza e certamente o meu desassossego, a minha avó Elisa de quem herdei a capacidade de contemplar e sentir a vida, meu pai de quem herdei o sentido do respeito à palavra dada e ao bem fazer, o meu avô Alberto de quem herdei este armazém e alguma argúcia, minha mãe de quem herdei a tenacidade e a habilidade manual e ainda a minha tia Sílvia e o meu irmão António de quem guardo as mais ternas recordações.



A varanda do discurso, onde se podem ver o Dr. Mário Soares, Prof. Mário Vieira de Carvalho, Secretário de Estado da Cultura, o Vice Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Avelãs Nunes e ainda, José Miguel Medeiros, Governador Civil de Leiria, entre muito público.

Agradeço agora a Mestre Júlio Resende, figura cimeira da pintura e da cultura portuguesas, amigo que, com a edificação do Lugar do Desenho, me ajudou com o seu exemplo, a ganhar coragem para me aventurar pelo A A, e que do alto dos seus nobres 89 anos, nos enviou, pela mão do nosso conselheiro escultor Zulmiro de Carvalho, uma bela e muito desejada pintura, que passa a ser a primeira contribuição para a valorização da Colecção de Arte Contemporânea do acervo desta casa. Bem haja meu querido amigo, esperando que o seu exemplo frutifique por esta terra de tantos pomares. Quero ainda agradecer publicamente à Dinora, minha companheira de tantos sonhos e às minhas filhas Maria e Joana, o terem partilhado comigo este projecto de tantas abnegações, ao Arquitecto José Charters Monteiro a amizade com que partilhou comigo a definição de tantos pormenores e de tantos conceitos, bem como a todos os que me ajudaram a edificá-lo, dos quais destaco a Cin e a Empresa Balbino e Faustino e ainda a todos os trabalhadores que nele trabalharam. Não posso deixar de agradecer, de forma muito especial, ao grupo de amigos que se disponibilizaram para constituírem, como conselheiros fundadores, a estrutura que quis dar à Fundação que constitui o suporte do Armazém das Artes e ainda às instituições que, reconhecendo o mérito deste projecto, aceitaram estabelecer parcerias e protocolos connosco.

Esperamos que esta nossa iniciativa, pela importância que poderá vir a ter como vector de descentralização cultural, possa merecer a atenção e o apoio das entidades públicas e privadas, locais e nacionais, interessadas no desenvolvimento da cultura fora dos grandes centros, sem os quais dificilmente conseguiremos concretizar a globalidade

dos objectivos a que nos propomos.

Convido-vos agora a visitar os espaços que os vossos olhos ainda não alcançaram, visita que contem o fermento que fará levedar a massa do pão que iremos partilhar convosco, constituído pelas participações da Orquestra de Saxofones, formada por alunos da Academia de Música de Alcobaça, do CêDêCê, Companhia de Dança Contemporânea residente em Alcobaça, dos nossos conselheiros músicos Olga Prats e Alexandre Delgado e ainda da S A Marionetas ,a famosa companhia de marionetas de Alcobaça.

Agradecemos a todos a disponibilidade e o prazer da partilha de tantas emoções. Infelizmente, por razões de doença, o conselheiro Manuel Freire não pode estar presente ,ficando assim adiada por algum tempo, a presença neste espaço da Pedra Filosofal. Desejamos a Manuel Freire rápidas melhoras para que possa em breve juntar-se a nós.

José Aurélio 24 de Março de 2007